

História, políticas educacionais e desafios para o ensino de sociologia no Brasil: entrevista com Simone Meucci¹

Entrevista realizada por Marcelo Pinheiro Cigales²

O Ensino de Sociologia vem se constituindo como um campo de pesquisa no interior das Ciências Sociais. O aumento das publicações e eventos relacionados com a temática é significativo, principalmente após a obrigatoriedade do ensino da sociologia no Brasil em 2008. A trajetória de Simone Meucci relaciona-se diretamente com essa discussão em nível nacional e seus trabalhos de dissertação e tese³ são essenciais para compreender aspectos históricos da institucionalização da sociologia como ciência e disciplina escolar no país. Além da discussão histórica, a entrevista aborda temas relacionados ao Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Ao destacar os avanços na área, a autora aborda os principais desafios para o aperfeiçoamento e continuidade desses programas, bem como, do ensino de sociologia.

Em Tese: Professora Simone Meucci poderia nos fazer um breve relato sobre sua trajetória enquanto pesquisadora e autora envolvida com o Ensino de Sociologia?

Simone Meucci: Meu envolvimento com o ensino de sociologia se deu um pouco sem querer. Porque eu comecei a fazer uma discussão no mestrado, primeiro com o pensamento católico quando entrei no Programa de Pós-graduação da Unicamp e meu projeto de pesquisa era sobre o Alceu Amoroso Lima tentando entender como foi nos anos 1930 o pensamento reacionário da Igreja Católica. Por conta desse projeto, eu

¹ O presente texto resulta de uma entrevista oral concedida pela autora em outubro de 2015.

² Doutorando do programa de pós graduação em Sociologia Política (UFSC). Bolsista CAPES. E-mail: marcelo.cigales@gmail.com

³ A dissertação e tese da autora pode ser encontrada em formato de dois livros: Institucionalização da sociologia no Brasil: primeiros manuais e cursos (2011) e Artesania da sociologia no Brasil: contribuições e interpretações de Gilberto Freyre (2015).

comecei a mexer nos antigos compêndios didáticos de sociologia, porque ali tinha o que eu chamei na época de uma síntese deste pensamento católico do período. Eram livros do próprio Alceu Amoroso Lima e também do Afro Amaral Fontoura e Francisca Peters, e aí eu acabei fazendo a dissertação sobre esses livros. A dissertação foi defendida em março de 2000, que foi um momento muito emblemático pela luta a favor da sociologia no ensino médio. Foi quando havia muita esperança. Esperança que, não obstante, foi alvejada em outubro de 2001 pelo veto presidencial ao projeto de lei que tornava a disciplina obrigatória. Nesse período, minha dissertação serviu como uma espécie de síntese histórica do percurso da sociologia no ensino básico no Brasil. Circulou muito através da própria Federação dos Sociólogos de São Paulo que foi muito ativa na época a favor do ensino da sociologia após o veto presidencial. Foi ela que disponibilizou no site a minha dissertação. Então houve uma repercussão muito grande da minha pesquisa.

A partir disso, eu comecei a me situar duplamente: na área do pensamento social e na área do ensino da sociologia que estava se constituindo. Posso dizer que a temática se constituiu em área de pesquisa e a disciplina como componente curricular ao mesmo tempo em que eu me constituía como pesquisadora: foi uma afinidade cronológica da qual me tornei uma beneficiária. Depois, na tese de doutorado - que comecei cerca de dois anos depois da defesa do mestrado - eu trabalhei com um dos compêndios do Gilberto Freyre e descobri que ele deu aula de Sociologia no Ensino Normal. Descobri nos arquivos da Fundação Gilberto Freyre os manuscritos de aula dele, muito preciosos. Então eu acabei me constituindo como uma espécie de socióloga e historiadora do ensino de sociologia no Brasil.

Gilberto Freyre falava que deu aula na Escola Normal de Pernambuco, mas dava a impressão que eram poucos meses de um curso casual. Mas foi um ano de curso - não foi mais porque teve o Golpe de 1930 e ele foi exonerado porque se auto exilou em Portugal para acompanhar o ex-governador de Pernambuco Estácio Coimbra, de quem era muito próximo. Mas foi um curso muito estruturado, muito pensado que provavelmente ele imaginava para alguns anos. Eu entendi que isso foi quase o germe de Casa Grande & Senzala, porque ele não fez muitas disciplinas de Sociologia nos Estados Unidos. Minha hipótese é de que ele se transformou em sociólogo exatamente nesse ambiente pré-golpe, um ambiente politicamente muito tenso em que a sociologia

tinha um significado importante para as elites, tanto em São Paulo como em Pernambuco.

E aí eu comecei meu percurso. Alguns anos depois, em 2008, eu entrei na Universidade Federal do Paraná, já com um novo ambiente - muito mais favorável à licenciatura em Ciências Sociais. Eu comecei a me envolver em tarefas de licenciatura em Ciências Sociais. Por exemplo, eu assumi o PET, que é o Programa de Educação Tutorial da CAPES que desde 2010 exigia atividades de extensão. Comecei a planejar com meus alunos atividades para o ensino médio de aulas de Sociologia e alguns anos depois, em 2013, assumi a coordenação de um dos grupos PIBID. Nas Ciências Sociais na UFPR a gente tinha três grupos PIBID's com 42 alunos trabalhando. Importante também lembrar que em 2009 fui também chamada para trabalhar no PNLD, pois a dissertação de mestrado me consagrou como uma espécie de especialista em livros didáticos de sociologia no Brasil.

Então eu faria a seguinte síntese: como era um ambiente ainda escasso de pesquisa na área de ensino da sociologia e acabei me consagrando como pesquisadora nessas condições. E hoje eu prossigo sempre duplamente na área de pensamento social e ensino da sociologia; sempre analisando o ensino sob o olhar da sociologia do conhecimento, tentando compreender como o pensamento social se rotiniza fora dos ambientes acadêmicos, em particular na escola.

Tradicionalmente, a história da institucionalização da sociologia no Brasil, sempre era vista sob o olhar das universidades de São Paulo e do Rio de Janeiro, dos museus, dos Institutos Históricos e Geográficos. A contribuição do meu trabalho foi mostrar que o ensino normal e o ensino secundário (como se chamava na época), foi uma porta de entrada importantíssima para sistematização da sociologia e do conhecimento sociológico no Brasil na forma de livros e planos de curso.

Em Tese: Seria possível fazer um balanço comparativo entre o ensino de sociologia do início do século com a sociologia que temos hoje, após a Lei de 2008?

Simone Meucci: É uma tarefa que recentemente eu tenho feito. Você estava no evento de Florianópolis⁴ e ali eu tentei fazer uma síntese que eu pretendo publicar logo. Mas eu vejo distinções fundamentais, por exemplo, quando a sociologia se institucionaliza no ensino secundário brasileiro na década de 1930 foi anterior à formação de especialistas, não havia sequer os cursos superiores de Ciências Sociais no Brasil. Então a tarefa de sistematização do conhecimento para as escolas era realizada por intelectuais polígrafos que escreviam sobre muitas ciências e campos de conhecimento. O mesmo autor escrevia sobre sociologia, didática, geografia e educação física, por exemplo. Era um contexto onde a divisão do trabalho intelectual ainda não era muito desenvolvida e esses intelectuais tiveram essa tarefa de sintetizar diferentes campos de conhecimento para as tarefas de nacionalização dos livros didáticos. A sociologia, nesse período, era uma ciência das elites através da qual se difundia um discurso que justificava as escolhas políticas de 1930.

Então os livros didáticos da década de 1930, especialmente a partir de 1937, pouco falam de Marx. Não podemos esquecer que sofriam a censura da Comissão de Livros Didáticos que impedia qualquer pensamento escolar pouco afinado ao discurso da ditadura. Era uma ciência muito comprometida com os ideais, digamos assim, cívicos, com os símbolos nacionais que unificam uma nação. Afinados também com um discurso civilizador - não no sentido do Elias, mas numa perspectiva civilizadora que recomendava solidariedade uns com os outros ('vá a um asilo de velinhos', 'ajude'). Havia uma coisa também higienista: recomendação de casamentos "sãos", sugestões contra certos males da urbanização (por exemplo, a crítica à vida em apartamentos que impedia privacidade das famílias). Havia, especialmente no que se chamava de sociológica cristã, um discurso contra o liberalismo e contra o comunismo e uma discussão da identidade e unidade nacional, sobretudo sob o registro da metáfora orgânica. Nada era visto sob o prisma da desigualdade, mas da diversidade fundada nas distinções das vocações individuais.

Então resumindo, nos anos de 1930, não havia especialistas e a sociologia tinha a função de uma tripla prescrição que é o higienismo, a civilidade e o civismo. Era uma disciplina introduzida pelas elites para ordenar discursivamente a sociedade desorganizada.

⁴ O evento ao qual a autora se refere é o Colóquio Nacional 90 anos de ensino de sociologia no Brasil, realizado na UFSC em setembro de 2015.

Quando a gente olha para o ensino da sociologia no período contemporâneo verificamos que ela não é mais uma ciência das elites para a organização da sociedade. A propósito, observemos, por exemplo, o embate sobre a questão de gênero evidenciado em função da aprovação dos Planos de Educação nas Câmaras Municipais: é o combate sistemático a um conceito sociológico que não é bem-vindo por certos setores sociais bastante conservadores.

Parece-me, nesse sentido, que já há uma geração de manuais didáticos evangélicos (não sei se está certo falar assim), mas são manuais parecidos com aqueles que a gente tinha da sociologia cristã, por exemplo, que trata o “homossexualismo” (termo usado nesses livros) como “desvio social”. Já cheguei a ver um livro didático numa livraria com essa perspectiva e pretendo escrever sobre isso logo. Então já não é mais uma ciência da elite que prescreve um discurso consensual das classes conservadoras. É agora uma ciência da controvérsia teórica que surge na escola por ação sindical e de partidos mais próximos da esquerda. Segundo a perspectiva de seus combatentes, a sociologia escolar surge agora para desorganizar a sociedade: para discutir gênero e preconceito racial onde rigorosamente não há desigualdades. Segundo essa perspectiva, ela é uma ciência ‘contra a sociedade’. Segundo seus mais rigorosos críticos, a sociologia escolar cria conflitos. Esse é nosso campo de embate atualmente.

Bom é preciso muita pesquisa ainda para compreender toda essa, como diz o Weber, “barafunda” de influxos recíprocos que deu origem a sociologia e a filosofia no ensino médio atualmente e o debate social contemporâneo acerca do conteúdo escolar legítimo.

Nossa perspectiva hoje é sempre de uma instabilidade curricular. Porém, não podemos esquecer que a sociologia surge no currículo no movimento interessante de introdução de novos conteúdos desde os anos de 2000. A sociologia é uma novidade que não está sozinha. Vejamos a introdução dos conteúdos cultura afro-brasileira, cultura indígena, música, o tema da velhice, nutrição e trânsito e as disciplinas de espanhol e filosofia, por exemplo. É a emergência de uma nova perspectiva da escola que é fruto de certos movimentos sociais e ao mesmo tempo de novas políticas sociais.

No entanto, diante dessa clivagem muito forte no debate social brasileiro (isso começou em 2013 e 2014 e se acentua em 2015), me parece que é possível que aconteça alguma coisa muito parecida com o que aconteceu nos anos 1930, que é a sociologia

escolar tomada por certos setores que vão fazer vigilância do seu conteúdo e produzir material próprio. É uma luta (Bourdieu diria isso) pelo monopólio da explicação da vida social. Já tem livros didáticos que estão, por exemplo, trabalhando com a noção de família muito normativa, segundo essa orientação lamentavelmente mantida pelo Congresso brasileiro.

Então a sociologia - como a história - em momentos de grande clivagem no debate social, tem sua presença na escola controlada e atacada por certos setores da sociedade. Essa semana, eu acho que a Assembleia do Paraná está discutindo a questão do assédio ideológico nas escolas: eles entendem que tudo que se fala sobre Marx é assédio ideológico, então é um momento muito difícil do debate social brasileiro e a sociologia na escola é parte desse processo.

Em Tese: Você esteve diretamente envolvida no PNLD 2012 estando à frente da Comissão Técnica e no PNLD 2015 na equipe de avaliadores. Qual o balanço que você faria dessas duas experiências? Quais as mudanças que podemos observar no processo de produção de livros didáticos de sociologia nesse curto intervalo de tempo?

Simone Meucci: São muitas coisas, não sei se vou dar conta de tudo. Primeiro pensar a natureza do PNLD, [...] tem na LDB toda a discussão sobre a autonomia das escolas e ao mesmo tempo você tem políticas nacionais de avaliação e distribuição de materiais didáticos. O Estado brasileiro é muito centralizador e o PNLD parte desse pressuposto bastante centralizador. Então tem uma comissão de pessoas, consideradas capacitadas para avaliar aprovar o repertório de livros didáticos que o professor vai poder selecionar. Eu acho isso problemático (posto que é ambíguo) e um testemunho bastante interessante de como essa engenharia institucional - de centralização e descentralização - opera no Estado brasileiro. Então o PNLD está no centro nervoso desse embrolho do pacto federativo brasileiro (como também o Enem, diga-se de passagem...).

Outra questão que a gente não pode perder do horizonte é que da primeira para a segunda edição da Sociologia no PNLD houve uma melhora substantiva dos materiais. Na primeira edição do PNDL, em 2012, tivemos dois livros aprovados, representantes de dois tipos de produção bastante distintos, de uma produção que já estava em circulação no início dos anos 1990 que é o livro do Nelson Tomazi e o Livro da Helena

Bomeny e da Freire-Medeiros que é um livro novo, representa uma nova safra. Acho que na Filosofia foram 15 inscritos e três aprovados, enquanto nós tivemos 14 inscritos e dois aprovados. Muito parecido, portanto. Tentamos evitar que as editoras pautassem a seriação do conteúdo exigindo um livro único. Claro, passamos por esse tipo de dificuldade já que todas as escolhas têm coisas positivas e negativas. Mas foi interessante porque foi parecido o processo na filosofia o que demonstra os mesmos dilemas com resultados muito parecidos.

No segundo PNLD da sociologia, em 2015, houve seis livros aprovados. Nesse sentido, uma coisa interessante foi à diversificação da produção e do repertório de autores e temas - o gênero entrando mais fortemente, uma discussão sobre a religião mais sistemática e a iniciativa de grupos como, por exemplo, os professores do Colégio Pedro II, de produção de materiais. Então o que nos dá uma tranquilidade de que houve um avanço enorme nesses últimos anos. Quem acompanha, por exemplo, o ENASEB desde o seu início, percebe uma atualidade e avanço nos trabalhos, nos recursos, nas estratégias e nos materiais de ensino. Eu sempre fui muito inquieta em relação à qualidade com que a gente poderia fazer a sociologia chegar à escola no ensino médio, e vejo que houve um avanço enorme nesse sentido nas duas edições do PNLD que mostra um avanço geral das editoras e das licenciaturas.

Agora estamos num momento de grande expectativa com a Base Nacional Comum. Não sei como será seus efeitos sobre o PNLD, às vezes eu me questiono muito, quer dizer eu vejo como uma política muito séria, muito preocupada com o acesso aos livros para os alunos, mas também estou trabalhando nas pontas, nas escolas e vejo como é feita a escolha, como os livros, às vezes ficam empilhados e não sei qual é o futuro do PNLD. Penso que precisaremos repensar a política pública sem desqualificar seu sentido, na perspectiva de aperfeiçoá-la e pensar novos formatos de organização do conhecimento escolar que não sejam distribuídos somente como ‘livro’.

A última edição teve a discussão do formato digital que ainda foi bem “caretão”, o CD-ROM no final do livro. O CD-ROM praticamente repete alguns recursos do livro (é um livro com links e ilustrações documentais). Não é “caretão” só na sociologia como também em outras disciplinas: a gente ainda tem dificuldade de trabalhar a forma digital e isso tende a mudar muito rapidamente eu acho. Precisamos começar uma produção, porque daqui a pouco o formato em livro também não vai ser muito usual.

Bom, eu acho que nos próximos anos, o PNLD vai mudar muito por causa do suporte e a gente que é da área de sociologia precisa pensar a licenciatura com novos produtos e novas formas de interação digital com os alunos, ainda que nas escolas públicas tenhamos todas as dificuldades que a gente já sabe. De todo modo, creio até no celular como uma potência didática.

Em Tese: Eu gostaria de saber um pouco a sua opinião sobre o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), visto que ele já está na área de Ciências Sociais faz algum tempo. Inclusive eu fui bolsista desse Programa em 2010 na Universidade Federal de Pelotas, quando ele foi implantado na área de Ciências Humanas naquela instituição. Dessa forma, qual a sua opinião sobre esse Programa e como você avalia o alcance do PIBID na área das Ciências Sociais?

Simone Meucci: Eu acho um programa excepcional, embora ele tenha alguns limites. A geração de professores que entrou na Universidade nos anos de 2008 e 2009, pessoas mais ou menos com a trajetória parecida com a minha, foram arremessadas para o universo da extensão através das licenciaturas em Ciências Sociais. Então a entrada da sociologia no ensino médio e a institucionalização de um programa como o PIBID nos fez encarar nosso próprio campo científico de um modo novo. Quer dizer o PIBID não tem só influência na licenciatura, eu acho que o PIBID tem influência em toda a dinâmica dos cursos de ciências sociais.

Claro que existem instituições mais sensíveis e menos sensíveis a isso, mas tem impacto na dinâmica de uma reflexividade do campo das Ciências Sociais mesmo. Quer dizer, professores que estão em áreas tradicionais de pesquisa, se há colegas e alunos do curso atuando no PIBID, possivelmente será demandado em alguma ocasião e vai começar a perceber que tem uma produção da área dele que circulará nas escolas. Suas pesquisas, senão diretamente, chegarão à escola através dos seus pós-graduandos, através das aulas que os alunos do PIBID assistem desse professor e depois transmitem na escola.

Destaca-se sempre o impacto do PIBID na escola, mas eu vejo também o impacto da escola na universidade através do Programa. Há uma dinâmica, um espaço que também é imprevisto no PIBID. A relação da universidade com a escola acaba

sendo, digamos assim, permeada por uma capilaridade que chega até setores tradicionais da universidade que em tese, não tem a ver com o PIBID. Isso eu vejo e tenho certeza que muitos colegas meus que atuam no PIBID em outros departamentos, em outras universidades também percebem isso. E há uma sensibilização de professores afastados do ensino ainda que não vão atuar na licenciatura diretamente.

Outro impacto que eu vejo no PIBID é material e econômico. O aluno que era da iniciação científica sempre teve muita oferta de bolsas e da licenciatura não havia nada. De repente, houve um derrame, eu chamo assim mesmo, um derrame de dinheiro. Aqui na UFPR tínhamos mais bolsas de licenciatura do que iniciação científica pro um período. E é claro que isso transforma também a forma de recrutamento dos licenciandos, então o aluno que é da bolsa contínua, o aluno vai ficando na licenciatura por conta dessa oferta de bolsa, e se transformando num profissional de excelência. Deve-se também nesse aspecto considerar o seguinte quadro: que a universidade brasileira tem aberto as portas para um perfil de alunos novos, economicamente mais vulneráveis. Então, se há alunos da classe média que olham para a carreira de professor com desdém, tem um aluno que está chegando na universidade de camadas muito oprimidas da sociedade, com baixa renda, que vê na licenciatura uma forma de ascensão social e mais do que isso: tem esperança na educação e no seu protagonismo baseado na própria experiência. Por isso, vê a carreira de professor como um ofício e uma esperança para novas gerações. E esse aluno, terá condições de se qualificar muito melhores do que seus próprios professores da escola.

Isso pode ser uma conquista substantiva para ensino público brasileiro se for em grande escola e se for contínuo. Então me assusta esse cenário, digamos assim, de expectativa de cortes do PIBID. Nesse cenário que vivemos hoje, eu acho que não se poderia discutir nem a extinção nem a redução desses grupos porque esses grupos têm que ter a capilaridade, e aí uma crítica que faço ao PIBID, que não é uma crítica formal ao Programa, mas é uma crítica às dificuldades cotidianas que a gente encontra. Acabamos por vezes trabalhando em escolas que menos precisam de uma ação sistemática de apoio da universidade. Eu por exemplo, atuo em boas escolas que concentram muitos grupos do PIBID em diversas disciplinas. Observo uma espécie de monopólio de certas escolas pelo programa do PIBID. Não sei se acontece isso em Florianópolis ou em Pelotas, se tem algo parecido, mas não vejo o PIBID atuando em

zonas muito, muito críticas. É claro que o PIBID não é para ajudar a qualificar as escolas, seria uma deturpação do Programa: o PIBID é para qualificar professores e eu não consigo qualificar alunos da licenciatura trabalhando nas piores escolas que não têm as condições mínimas e regulares para a formação de novos professores. De todo modo, é preciso diversificar ao máximo as experiências escolares para que os bolsistas tenham uma dimensão da pluralidade que constitui o sistema escolar público brasileiro.

Agora uma coisa que sei é que meus alunos da licenciatura muitas vezes vão trabalhar em escolas que tem estrutura material muito precária, ou escolas que estão na periferia muito violenta. Eu tenho uma ex-aluna do PIBID que esta trabalhando numa escola de periferia em que ocorreu, em pouco menos de um ano, a morte de 17 alunos por causa de guerra do tráfico. Sinceramente, é uma realidade com a qual não conseguimos lidar. Há realidades muito duras que o PIBID não alcança, não sei se deveria alcançar, porque aí, de fato, a discussão não é apenas sobre a qualificação da sociologia na escola: a discussão passa a ser em outro nível. Mas são realidades muito duras com os quais nossos alunos vão trabalhar e eu fico, por vezes, aflita. Não é um limite do Programa mas é uma condição de nossos jovens nas periferias do Brasil com a qual muitos de nossos estudantes irão vivenciar. Uma experiência para qual não há muito preparo possível....

E outra coisa, por fim, para responder a sua pergunta: eu vejo que estamos numa situação muito excepcional em que ocorre um ataque sistemático à escola pública e aos professores como categoria de trabalhadores e agentes políticos. É o caso só do Paraná e também do Rio Grande do Sul, São Paulo, Minas Gerais, Santa Catarina e Distrito Federal: estão espancando seus professores. Então estamos tentando fazer com que os alunos de graduação optem pela Licenciatura, fiquem no PIBID, fazendo-o imaginar uma carreira bacana com projetos interessantes e olha o que acontece... E sabe que eles gostam do ofício de professor? Eu percebo isso... Mas e a carreira? E o respeito aos professores? Os alunos das escolas gostam também dos projetos do PIBID, os professores da rede pública que são os supervisores também, só que a carreira de professor está sendo desmontada. E não é só questão salarial é também a carreira. Fico então pensando todo o investimento que houve em muitos desses alunos e eles possivelmente irão sair da rede pública em poucos anos de concurso (sabe-se pois que a

evasão é muito alta). Nesse sentido, todo o dinheiro investido na qualificação será jogado fora senão houver uma contrapartida de uma carreira decente.

Em Tese: Por um processo histórico, nas décadas de 1960 e 1970 houve um distanciamento das questões de pesquisa relacionadas à educação pelos programas de pós-graduação em Ciências Sociais. Parece que a partir da Lei de 2008 que trouxe a sociologia de volta ao currículo da Educação Básica, tem havido um crescimento desses programas de pós-graduação, como na Universidade Estadual de Londrina e o Mestrado profissional em Ciências Sociais junto à Fundação Joaquim Nabuco. Então eu gostaria de saber como você avalia o crescimento desses programas de pós-graduação voltados para o ensino de sociologia hoje no Brasil?

Simone Meucci: Eu acho que a constituição da educação como objetivo de pesquisa no Brasil sempre foi muito complicada, ainda que a história da sociologia, no seu início, demonstre nexos entre educação e sociologia. Nexos institucionais. Lembremos dos trabalhos clássicos sobre relações raciais do Florestan Fernandes, do Fernando Henrique Cardoso que foram parcialmente financiados pelo INEP através de Anísio Teixeira. Então havia uma relação estreita, mas uma relação limitada a aspectos institucionais. Mas eu não diria que o sociólogo no Brasil despreza a educação como objeto de análise: é que na constituição da sociologia no Brasil, o tema da educação esbarrava num outro tema, mais crucial: as relações raciais.

Se, na França, todo o grande sociólogo (a exemplo de Durkheim e Bourdieu), discute a educação é porque a constituição da sociologia francesa exige a discussão desse tema. Tenho acerca disso uma hipótese: é como se ali o projeto da sociedade igualitária passava pelo exame dos limites e possibilidades da educação escolar formal. Ao passo que, no Brasil, a discussão sobre a igualdade ou, antes, sobre a identidade nacional, parece ter exigido o estudo da questão racial. A questão racial sempre foi, digamos assim, o nó górdio. Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda, Florestan Fernandes, Fernando Henrique Cardoso, Octavio Ianni tiveram que elaborar estudos sobre a questão racial. Gilberto Freyre fez isso nos anos de 1930 sob a perspectiva culturalista, ao passo que Florestan Fernandes o fez nos anos 1950, período em que a

sociologia mudou a agenda (não é mais a discussão da identidade social brasileira, mas é a discussão da desigualdade) mantendo, porém, a centralidade do tema das relações raciais.

E o que acontece recentemente? A própria sociologia no ensino médio nos aproxima da escola. Tem uma orientanda que está com uma trajetória muito interessante. Ela foi do PIBID, fez monografia sobre o ensino de sociologia e fez dissertação de mestrado sobre ensino de sociologia. Essa semana ela está fazendo a seleção para o ingresso no doutorado e ela disse assim: ‘agora eu quero discutir a escola porque eu vejo que os problemas que a gente vê como singularidade da sociologia são problemas de toda a estrutura escolar’. Então ela está se constituindo uma socióloga da educação, tema que a ocupou de início através da sociologia escolar. E acho que isso vai ser muito comum. Isso ocorre também por outras vias: vejo alunos de história que estão procurando a sociologia da educação na pós-graduação porque pretendem discutir as questões étnicas na escola. Eu acho que está acontecendo uma “sociologização” de certos conteúdos escolares, e a gente está chegando à escola de maneiras muito diferentes.

Há também políticas públicas muito voltadas à ação escolar, são políticas muito afinadas à perspectiva da sociologia. Vejamos por exemplo, há alguns anos, todo aquele debate sobre o que se convencionou denominar com o termo inadequado de “kit gay” nas escolas e que foi interditado: parte do pressuposto de uma discussão de gênero, de sexualidade de corpo que é do campo da sociologia. Há também políticas públicas e ações educativas de prevenção da violência na escola, por exemplo que também exigem análise sociológica. Quer dizer, o sociólogo está chegando à escola não só pela mão da sociologia escolar, mas também por meio de outros processos que estão ligados a uma sensibilidade com as políticas públicas. Então é um ambiente muito favorável à emergência, eu diria a emergência da sociologia da educação de uma forma inédita como a gente teve só em condições embrionárias nos anos 1960 pré LDB, algumas tentativas. O Anísio Teixeira no INEP tentou fazer algumas coisas, mas não conseguiu. Tudo depende de como isso vai se encaminhar a partir de 2015...

Em Tese: Apesar dos ganhos que a gente tem tido na área com o PIBID das Ciências Sociais e com o PNLD da sociologia, houve certo descontentamento e uma certa

indagação por parte de alguns indivíduos e instituições em relação a permanência da sociologia no ensino médio, principalmente em relação aquela fala da Dilma durante o período eleitoral de que o currículo estava muito grande e talvez deveria haver uma reforma curricular e aí a sociologia talvez perdesse espaço nesse processo. Como a Base Nacional Comum também foi publicada, eu gostaria de saber teu ponto de vista em relação a essa discussão sobre a permanência da sociologia no currículo escolar do ensino médio, e qual a tua opinião ou a tua avaliação em relação ao ensino de sociologia nos próximos anos?

Simone Meucci: Você fala em termos da gente correr o risco, no meu ponto de vista, de perder esse espaço no ensino médio?

Em Tese: Sim.

Simone Meucci: É muito difícil responder essa pergunta. Mas eu poderia dizer o seguinte, se houver um ataque sistemático à sociologia, numa tentativa até de retirá-la do ensino médio vai ter que enfrentar uma comunidade de profissionais constituídos.

Eu vejo aquela fala da Dilma como uma de suas trapalhadas, muito mal assessorada. Porque já havia, quando ela deu essa resposta de que o problema do ensino médio era o excesso de disciplinas, uma discussão muito avançada no MEC sobre a Base Nacional Comum e nunca, nessa discussão, houve sequer a cogitação de retirada de qualquer componente curricular. Essa era, na verdade, uma posição inclusive do governo do estado de São Paulo de que há outras áreas do conhecimento que são prioritárias como português e matemática - como se as outras demais disciplinas, não só a sociologia, mas também a história e a geografia estivessem atrapalhando o ensino de português e matemática (o que é uma forma completamente bizarra de perceber a escola).

Como a gente está numa circunstância política muito instável eu não sei responder sobre o futuro, eu só sei dizer que nós vamos dar trabalho, pois desde o ponto de vista editorial (há editoras que investiram nisso), do ponto de vista das universidades e das licenciaturas; do ponto de vista da carreira dos professores que fizeram concurso em todos os estados brasileiros, eu acho que não vai ser uma coisa fácil de retirar nem a

sociologia, nem a filosofia. Na medida em que você põe dentro da escola o campo de conhecimento, retirar fica difícil, pois tem agentes organizados em sua defesa. Então não vou dizer que não vai sair, mas posso dizer que vai ser uma batalha dura, porque já está profissionalizado como campo escolar.

Em Tese: Eu gostaria de saber que balanço você faz sobre as atividades que vêm sendo desenvolvidas pelo ENESEB, que já está em sua 4ª edição e pelo GT Ensino de Sociologia, que nesse ano completou dez anos de existência?

Simone Meucci: Eu vejo avanço, digamos assim, de métodos e iniciativas inovadoras na área de experiência de ensino de sociologia. Por exemplo, eu mesma estou num projeto do PIBID de oficina de jogos elaborados pelos Museu de Arqueologia e Etnologia do Paraná - um RPG com conteúdos de etnologia indígena - sofisticadíssimo que recebeu um prêmio do Ministério da Cultura. Começaremos a aplicação dessa experiência e no próximo ENESEB certamente a gente vai fazer um relato.

Então é impressionante como as experiências avançaram. Isso tudo de 2008 para cá. Imagina daqui há 10 anos? Eu sou uma otimista e, se tudo continuar bem, teremos materiais bacanas. Então o ENESEB ele tem mostrado nos posters que os alunos apresentam, nos grupos, GTs de relatos de experiência, um avanço impressionante, ainda que no último ENESEB, pela falta de verba de custeio dos PIBIDs tivemos uma evasão significativas, alguns posters e trabalhos que não foram apresentados devido aos cortes de verba de custeio. Quero dizer que hoje o desenvolvimento de pesquisas na área de ensino de sociologia está ligado aos investimentos do PIBID, eu não sei o que o corte do PIBID vai representar para o próximo ENESEB. Isso é uma questão preocupante.

O GT de Ensino da Sociologia na SBS mostra pesquisas também avançando. Porque no começo o GT de ensino de sociologia tinha muito relato de experiência e um pouco de pesquisa bibliográfica. E agora temos pesquisas, sobre carreira docente correlacionando fatores de modo mais fecundo e abrangente, não apenas meros relatos. Então a gente tem as duas coisas, as experiências estão mais sofisticadas, e a pesquisa em sociologia da educação incluindo o ensino da sociologia tem desenvolvimento notável. A relação da sociologia escolar com a literatura, o escrutínio dos livros

didáticos, o escrutínio dos próprios programas como o PNLD (não é a mesma coisa analisar o livro didático e analisar o programa), o estudo dos embates em torno de temas e conceitos sociológicos. Então, eu acho que tem um avanço enorme, eu diria assim, sobretudo nos últimos quatro anos, considerando que a SBS é bianual.

Referências

MEUCCI, S. **Institucionalização da sociologia no Brasil**: primeiros manuais e cursos. São Paulo: Hucitec: Fapesp, 2011.

MEUCCI, S. **Artesania da sociologia no Brasil**: contribuições e interpretações de Gilberto Freyre. Curitiba: Appris, 2015.